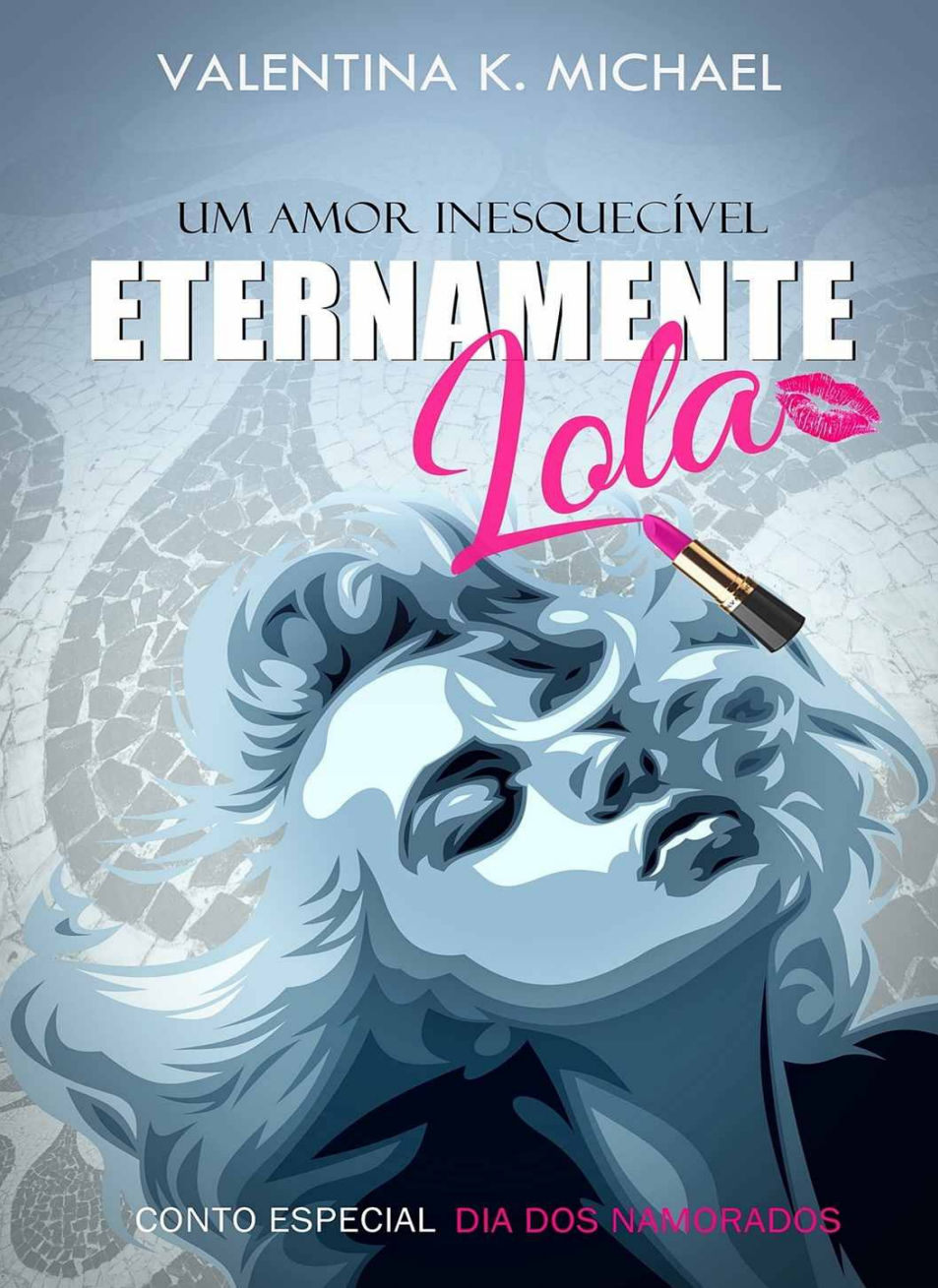
VALENTINA K. MICHAEL

UM AMOR INESQUECÍVEL

ETERNAMENTE Lola



CONTO ESPECIAL DIA DOS NAMORADOS

Eternamente
Lola

UM AMOR INESQUECÍVEL

VALENTINA K. MICHAEL

Copyright © 2017 Valentina K. Michael

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Bianca Ferreira

Capa: Valentina K. Michael

Diagramação Digital: Layce Design

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.



Sumário

VESTIGÍOS DE UMA ESTRELA

COPACABANA
JOGADAS INCERTAS
ETERNAMENTE TONY
UMA NOITE INESQUECÍVEL
DOMINADOS
ADEUS ANO VELHO
INSANIDADE
AS LEMBRANÇAS
O ENCONTRO
O OUTRO LADO DA HISTÓRIA
OUTRAS OBRAS DA AUTORA
CONTATO



Vestígios de uma estrela

Paola andou sem vontade pelo corredor semiescuro sendo escoltada por duas mulheres vestidas de branco. De cabeça baixa, ela vislumbrou alguns fios dos seus cabelos loiros em frente aos olhos.

Seus cabelos...outrora tão gloriosos, estavam agora despenteados e cortados de qualquer jeito. No belo rosto, que sempre manteve macio e limpo, tinha apenas uma expressão vazia como se não tivesse alma. Se mostrava indiferente, como se não soubesse de mais nada, do que acontecia longe daquela prisão de loucos que a trancaram.

Estava longe do *Champignon* e sofria com isso. Queria voltar, voltar no tempo se possível; queria poder ir atrás de Tony ou saber o que houve com Rick. Ninguém lhe dava noticiais sobre o mundo lá fora. Ela apenas via o tempo passar, olhando o jardim pela janela e ignorando os internos que diziam ser iguais a ela.

Era uma exuberante loira. Sim, conjugado certo: Era. Aquele lugar de altos muros acabava com qualquer beleza. Houve um tempo que teve pele de marfim e voz de sereia. Os olhos verdes convidativos para um paraíso que existia somente com ela, uma promessa velada que consumia em paixão quem se aproximava, tinha o canto mais bonito, que deixava qualquer homem de boca aberta. Uma dadiva de Deus. Uma dadiva para os homens.

As duas mulheres de branco deixaram Lola em seu quarto e assim, de costas para a porta, ela ouviu o pesado ferrolho se fechando. Estava novamente sozinha e

trancafiada. Sozinha com suas lembranças que contribuía com sua suposta insanidade.

Sentou-se ereta na cama.

Não era mais linda. Estava pálida, com olheiras e os belos olhos agora pareciam duas azeitonas meio negras, sem vida.

Lola deitou-se e olhou para o teto. Sorrio e fechou os olhos. Era bom estar sozinha. E aí poderia sair daquele lugar, em pensamento.

Tudo aquilo parecia ter acontecido a tanto tempo...



Copacabana

Quando entrei no *Champignon* naquela noite eu sabia que de alguma forma não era o mesmo lugar. Era

como se existisse uma aura diferente em volta. Sempre me apresentava ali três vezes por semana e sempre era tudo igual: Copacabana, Rio de Janeiro onde música e paixão estavam sempre na moda. Calor, homens bonitos e fumegantes... era a mistura do Champignon: O ponto mais quente da cidade. Tudo era sempre igual, menos naquela noite.

— Viu o novo funcionário? — Bernadete, uma dançarina, me cutucou assim que eu entrei no corredor dos camarins.

— Não. Não vi. — Fiz pouco caso.

Eram tantos caras se jogando para cima de mim, que eu já achava cansativo observa-los.

— Ah! Meu Deus! — Dramaticamente, colocou a mão no peito e suspirou. — É um Deus grego, é lindo, forte...

Parou de falar sabendo que eu não me importava com aquela atuação. Ri e passei por ela. Bernadete me seguiu, afobada.

— Você vai consegui-lo, com certeza.

— Eu? Não estou procurando homem.

Não mesmo. Homem era só para dar dor de cabeça. Me servia apenas para sexo e pagar minhas contas.

— Mas esse você vai querer. Só quero que me conte tudo nos mínimos detalhes, quando tiver ele em suas mãos.

— Vamos entrar em uma hora no palco, Bete. —

Avisei, ignorando o drama dela e sorrindo entrei no meu camarim.

Meus shows sempre eram bem ensaiados, com grande pompa. Eu era praticamente a fonte de renda do clube; nos meus dias, a casa enchia e quando eu começava a cantar ou fazer uns passos de merengue, não ficava uma viva alma sem prestar atenção no palco. Todos (a grande maioria homens) vidrados apreciando a diversão que eu lhes proporcionava.

E naquela noite, quando subi no palco, eu o vi.

Bernadete não fora fiel em descreve-lo. Era muito mais que lindo e forte. Era algo que meus olhos ainda não tinham contemplado; e olha que eu tinha visto muitos homens passarem por aqui, muitos mesmo.

Ele era o novo barman: Tony.

E eu percebi o porquê eu senti que algo estava diferente no Champignon naquela noite. Ele tinha chegado e de alguma forma mudado a aura do ambiente.

Justamente quando eu caminhava no hall da fama, com a chance de ser uma estrela nacional, Tony aparecera. E eu iria consegui-lo, como Bernadete falou; meti isso na cabeça naquele mesmo momento enquanto fazia minha apresentação. Uma apresentação mixuruca. Eu não conseguia dançar e cantar direito pois meus olhos e instintos seguiam apenas uma direção: o bar.

Terminou meu show e eu estava chocada, olhando no espelho da minha penteadeira. Como eu podia ficar com

aquela cara por causa de um coitado da classe operaria?

E eu brigava comigo mesma por eu me sentir coitada de não ser a mulher que estaria se aproveitando daquele pobretão gostoso. O homem era devastador.

Nem mesmo aceitei fazer companhia na mesa de algum dos clientes, como sempre fazia com aquele que oferecesse mais. Eu era uma vendida e todos sabiam disso: que a única coisa que Lola gostava era de dinheiro e fama. Mas agora tinha o Tony. Esse nome rebateu na minha mente a noite toda, sozinha no meu quarto, na minha cama enorme.

— E então? É ou não é gostoso? — Bernadete veio me provocar, no outro dia. — Vi que você quase caiu do palco olhando para ele. — Eu estava cansada pois perdera o sono a noite, nem queria discutir sobre isso.

— Se estiverem falando do novo barman saiba que eu vi primeiro. — Outra dançarina, que se alongava na barra, gritou nos fazendo rir. Meu riso era pura falsidade, pois eu o descobrira, durante meu devaneio noturno, que eu o queria.

— Sabem alguma coisa sobre ele? — Apurei.

— Não sabemos nada ainda. Só estou pedindo a Deus que não seja casado nem gay.

Meu peito inflou com a irritação que senti por elas estarem nessa competição absurda. Essas meninas não aguentam ver um homem. Mais absurdo era eu não querer nenhuma delas competindo por Tony.

Como uma boa menina, eu fui pesquisar sobre ele antes de atacar. Graças a Deus, Tony era solteiro e carioca legitimo. Resolvi investir; e assim as noites foram passando com apenas olhares voando de um lado para outro, ele também me olhava, mas com um certo desdém. Eu subia no palco já em chamas, olhando para aquele homem grande, moreno, com belos braços. Não importava quantos homens ricos estavam dando o sangue por mim, eu apenas tinha olhos para Tony.

Ao passo que passava as noites, ele dispensando a cada uma das meninas, minha paixão platônica aumentava.

Ele combinava comigo: eu era sozinha naquela cidade. Não uma carioca legitima. Vim embora para o Rio com dezesseis anos quando minha mãe morreu e meu pai se casou com outra. Eu o abandonei e ele nem se importou. Eu era uma estrela solitária, e pelas minhas pesquisas, Tony era um sonhador solitário.

— Ele te quer Lola. — As meninas incentivaram, um dia em um bar, na noite das meninas. Eu quis que fosse verdade, mas não era. Tony apenas me ignorava. Sempre desviando dos meus olhares cobiçosos.

— Ele tem medo de você. — Uma das minhas colegas de palco diagnosticou.

— Medo?

— Oras, ele é só um barman e você é a dona da noite. Tem qualquer ricaço aos seus pés.

Outra menina entrou no raciocínio:

— Ele deve achar que não tem chance alguma. Continue tentando, sua boba.

— Eu já teria investido. Uma terceira gritou — Ele tem uma cara que sabe o que fazer na cama... e aquele corpo, com a tatuagem de ancora... eu lamberia a noite toda! Todas riram e eu revirei os olhos para minha colega suspirando, notavelmente com fogo nas partes baixas e eu com ciúmes.



Jogadas incertas

Decidi ver qual era a dele. Eu iria começar a jogar. Bem sutilmente, como os altos padrões da Estrela

Lola, mandava.

Ele era um dos últimos a ir embora, pois cuidava do bar e as vezes ficavam uns alcoólatras até as três da manhã e depois disso Tony ainda tinha que deixar tudo arrumado. Então, em uma noite eu fiquei no meu camarim. Liguei a pequena tv e fui assistir. Fiquei desperta até dar duas e meia da manhã.

Me vesti novamente, com o vestido da apresentação, calcei saltos, baguncei meus cabelos e sai em direção ao salão. Tony estava lá, rindo e conversando com os garçons que viravam as cadeiras sobre as mesas. Fui direto ao bar e quando ele me viu, emburrou no mesmo instante. Ficou de cara fechada me olhando. Eu era Lola, a mais famosa artista do Rio e ele me olhando torto.

— Oi, será que pode ir lá nos fundos tentar abrir a porta do meu camarim que emperrou? — Menti. Acariciei sugestivamente meus cabelos soltos em cascatas. — Acabei dormindo na sala de descanso. — Menti de novo.

Tony assentiu. Estava enxugando copos. Ele tinha tirado a camisa branca e estava uma delícia de camiseta regata, exibindo os maravilhosos braços fortes, com uma tatuagem de ancora em um deles.

Ele saiu de trás do bar, passou por mim e eu sorri por ter sido fácil. Chegando lá atrás eu jogava a real para ele: "*Escuta rapaz, eu te quero e aí? Quando vai ser? "*

Segui Tony, mas ele não foi para o corredor atrás do palco, caminhou em direção a uma salinha e gritou na

porta:

— Tião, poderia ajudar a moça lá atrás? Precisa de ajuda com a porta.

O homem respondeu alguma coisa, mas eu estava atarantada demais para entender.

O que Tony estava fazendo?

Antes de eu respirar, ele virou-se para mim, seu olhar bem indiferente.

— Tião, o segurança, vai te ajudar. Mais alguma coisa?

Onde estava minha voz? Acho que escondida morta de vergonha em algum lugar. Como dizem: que quem cala consente. Ele anuiu e afastou-se.

Tony 1, Lola 0.

Perdi e fugi dali antes de Tião ir consertar a porta falsamente quebrada.

Não desisti. Os dias passaram e continuamos naquela troca de olhares bizarra. Eu flagrava ele me fitando, mas era uma expressão de desdém.

Tentei uma segunda vez.

Ele estava de saída, eu estava morta de sono esperando para dar o bote. Quando Tony saiu com sua bolsa, eu entrei na frente dele. Tomou um susto e afastou-se um passo.

— Ah... oi. Você trabalha aqui, não é? — Fiz de conta que não lembrava dele. Eu era uma louca, sem dúvida.

— Sim. — Franziu a testa também me achando louca.

— Então... perdi minha carona. Pode me deixar em minha casa?

— Desculpa, estou sem carro ou qualquer outro transporte. Vou a pé.

Quase gritei: "tudo bem, eu vou assim mesmo". Entretanto, não fazia sentido.

E lá foi mais uma vez pedir ao Tião que me desse uma carona e depois virou-se para mim:

— Tião também trabalha aqui coincidentemente — ironizou — ele vai te levar. Mais alguma coisa?

— Sabe que não. — Revirei os olhos e dei as costas para ele.

2 a 0 para Tony.

Logo eu que sempre tivera o homem que quisesse. Era um insulto para mim ter que ficar correndo atrás de um pobretão que nem uma bicicleta tinha. Por que eu queria ele? Por que essa atração sem explicação? Não sou eu que tenho que correr atrás de homem, eles que precisam me ganhar.

Decidi provoca-lo mostrando que ele nunca me teria, que eu era boa demais para ele.

Em um show, me produzi o mais sensual que podia. Tinha penas no meu cabelo, meu vestido era perfeito e eu cantei alegremente, berrando mais alto que uma cabrita no cio. Troquei uns olhares com Tony. Ele estava prestando atenção no show. Eu lambia os lábios, mexia o corpo

sedutoramente e fazia a melhor dança do acasalamento possível.

Em seguida, fui as mesas, com um microfone, continuando cantando e acariciando os homens que iam a loucura. Um deles estendeu algumas notas de dinheiro para mim e eu me abanei com elas e as passei em meu pescoço eroticamente. Dancei sensualmente ali, quase em frente ao bar e quando eu virei para ver um Tony embasbacado, ele estava de costas para mim, arrumando a porcaria dos copos na prateleira. Depois entrou por uma porta e foi pegar bebidas na dispensa.

Só então reparei que eu tinha parado de cantar e estava inerte com o microfone na mão. Do outro lado Bernadete acenou para eu continuar.

Eu fiz o show todo para o Tony e ele não assistiu.

3 a 0. Eu estava perdendo de lavada.

O que eu tinha que fazer para ele me olhar? Por que ele não queria a melhor da casa? Ele era solteiro, não era gay, algo estava errado.

Teve uma noite que eu cantava uma música lenta, apaixonante, de olhos fechados, dando minha alma na apresentação. E então quando abri meus olhos lacrimejantes, Tony não estava no bar. Estava lá na porta conversando com uma garota. Então pegou a mão dela, escreveu alguma coisa e voltou para o bar; mas no caminho olhou para mim e vi em seus olhos que ele estava me provocando.

Tudo bem. Vamos a caça. Agora era uma questão de honra.



Eternamente Tony

Na terceira semana, comecei a notar um sorriso meio safado nos lábios dele. Eu tinha passado a cumprimenta-lo, a dar condição, a mostrar

que ele podia e muito ter a estrela da noite. Tony passou a me olhar cada vez mais e seus olhos diziam tudo que eu precisava: fogo!

Eu já tinha decorado cada pedacinho dele, de tanto que olhei.

Tinha cabelos pretos bem cortados, com a lateral quase raspada e uma grande quantidade de fios lisos caindo pela testa. Olhos acinzentados que brilhavam quando me viam e me prometiam a gloria do prazer carnal. Os braços apolíneos se moviam com graça no preparo de drinques maravilhosos, que mais tarde provei; claro.

Naquela noite, assim que o show terminou, eu criei coragem. Me troquei e fui para o bar. Eu nunca tinha ido para o bar, sempre sentava nas mesas com os clientes.

Tony me lançou um olhar incrédulo quando me sentei, cruzei as pernas (propositalmente) e pedi:

— Um Martini seco, por favor. — Queria parecer uma atriz hollywoodiana, mas, estava bem ridícula fazendo o pedido cantarolado. Na verdade, eu estava tremula.

Ele sorriu charmoso, me serviu e foi atender outro cliente que logo saiu do bar me deixando de cabeça baixa, morta de vergonha. Eu tinha os homens jogados aos meus pés, não fazia ideia de como seduzir um. Sempre recebi tudo deles. E Tony estava me fazendo rever meus conceitos de que nem tudo vem fácil. Tomei aquela taça e senti que estava fazendo um papel de mulher desesperada.

— Ah... me dê mais um Martini. — Eu não tinha nada o que dizer, por que não tomar um porre e cair logo no chão dando vexame?

— Não gostaria de provar algo novo? — Levantei o rosto bruscamente e Tony sorria maliciosamente bem a minha frente. Quando meus olhos bateram nos dele eu ofeguei. Mordi o lábio e apenas assenti que sim: queria provar algo novo. De preferência ele.

Tony preparou um drinque para mim, com vodca e frutas, e quando empurrou a taça na minha frente, murmurou:

— Poderíamos andar um pouco, pela orla.

— Eu gostaria. — Aceitei no mesmo instante. Eu nunca tinha sido tão fácil em toda minha vida.

Comemorei com as meninas lá atrás nos bastidores, e depois com meu casaco branco de pele e meus saltos altos vermelhos, sai com Tony para a

madrugada. Naquela noite ele deixou o expediente as duas da manhã.

— Sou Paola. — Estendi minha mão para ele enquanto caminhávamos pela madrugada de Copacabana. — Mas me chame de Lola. Era a primeira vez que tinha a oportunidade de me apresentar formalmente.

— É um prazer conhece-la, Lola. — Apertou minha mão mostrando como tinha um aperto másculo com suas mãos ágeis de fazer coquetéis. — Sou Antônio, mas, pode me chamar de Tony.

A Noite estava quente, o céu estrelado e meu coração batendo mais que tambor em escola de samba. Olhei para cima e Tony me analisava, nos encaramos por alguns instantes então eu disse:

— Você me acha estupida, ou algo parecido?

— Não.

— Você é estranho.

— Por não ter de dado bola?

— Então percebeu?

— Percebo tudo ali dentro.

Assenti e fiquei calada. Essa conversa poderia acabar em discursão então achei melhor conhece-lo primeiro.

— Me fale sobre você Tony.

— Sou barman, tenho trinta e dois anos, estou juntando grana para uma moto e gosto de loiras que canta. — Piscou para mim. Meu sorriso sem graça desabrochou. — Agora me fale sobre você, Lola.

— Sou dançarina, mas não stripper, estou juntando dinheiro para comprar um apartamento e gosto de morenos que fazem drinques. — Tony gargalhou e meu estomago flutuou. Ele tinha um sorriso maravilhoso e o som de sua risada me fez ficar de pernas moles. Aquele homem estava me dominando sem sequer ter tocado em mim. Ele já fazia parte de minhas noites solitárias.

— Então decidiu pescar o alvo mais fácil, Lola? — Jogou na minha cara.

— Não. Claro que não. Não tenho alvo fácil. Na verdade, eu sou o alvo fácil. Você foi bem difícil.

— Pode-se dizer que sim. Então quis...

— Conhecer o cara novo. — Ergui os ombros — Não pode?

— Não tenho nada, nem mesmo uma moto. — esclareceu como se

isso fosse um requisito necessário para um encontro — Nem mesmo moro em Copacabana — emedou. O que poderia querer comigo, a não ser uma disputa de poder?

— O que? Pensou isso?

— É. Você é a estrela que tem todos, inclusive o barman. Não percebeu que não sou ninguém?

— Disso eu já suspeitava, afinal se tivesse alguma coisa na vida não estaria ralando num bar até de madrugada.

— Ui. — Ele gemeu imitando um som de dor. Como se eu tivesse batido nele.

— Não quero mesmo pensar que esteja me chamando de interesseira.

— Não. Claro que não. Só ouvi coisas a seu respeito.

— Que tipo de coisas? — Levantei os olhos para encarar o belo rosto de Tony. Sua barba era magnifica, dificilmente os homens que eu saia tinha barba e agora eu estava surpresa por achar sexy um homem barbudo.

— Que tem os melhores pretendentes... eu não estou nesse ciclo dos melhores.

— Melhores no quesito financeiramente? Gosto de não estar nesse ciclo. Geralmente são mesquinhos e arrogantes.

— Ah... me entendeu mal. — Ele se prepara e reformula — Também não queria estar. Sou confiante de quem eu sou. Mesmo sendo um zé ninguém.

— É mesmo, Tony? — Franzi minha testa demostrando incredulidade — Não parece. Está aí falando merdas. — Parei de andar e me postei a sua frente

— Quer saber? — Comecei em tom brusco — Eu quis sair com você para me afastar desses que você julga ser os melhores pretendentes...

— Posso te mostrar em que eu sou melhor que eles. — Rapidamente, tentou consertar.

— Acertou o ponto. — Empurrei meu dedo indicador no peito dele — Se eu quisesse homem rico não estava aqui de madrugada, de salto alto caminhando com um Zé ninguém.

— Agora você me atingiu. — Deu uma risada, sem estar verdadeiramente magoado com o que eu disse — Me dá o seu consentimento

para eu te mostrar as várias coisas em que eu posso ser o melhor? Fiz mal julgamento sobre você e queria me desculpar.

— Falou minha língua. Onde e quando?

— Venha.



Uma noite inesquecível

O prédio que Tony morava de aluguel era conservado, mas não tão limpo quanto o meu. Não tinha

elevador e as escadas estavam escuras. Não havia mais metrô ou ônibus àquela hora e foi uma caminhada exaustiva, entretanto agradável, por estar com ele.

Conversamos sobre nossos times preferidos: eu era Fluminense e ele Flamengo. Discutimos sobre campeonatos e acabamos falando sobre política. Éramos neutros, a favor dos direitos do povo, nossos direitos. Nossas preferências giraram em eu gostar de azul e ele de preto. Eu curtia MPB e ele preferia rock internacional. Nenhum de nós gostava de samba.

Eu sempre fui muito fiel às minhas crenças, acreditava imensamente em Deus assim como Tony, mas tínhamos outro ponto em comum: não nos enquadrávamos em nenhuma religião. Eu disse a ele que não era espírita mas acreditava em vida após a morte, que tinha algum lugar para irmos. Tony concordou comigo.

— Fique à vontade. — Ele disse assim que entramos em seu pequeno apartamento. Eu poderia leva-lo para o meu, mas preferi conhecer mais sobre ele. Tony saiu catando algumas coisas que estavam espalhadas pela pequena sala e foi pegar algo para bebermos. Eu joguei os sapatos num canto, que eu tinha tirado no meio do caminho. Me sentei e em meio minuto ele estava ao meu lado me entregando um copo de vinho. Cheirei, tomei um gole e vi que era vinho barato de supermercado. Eu estava adorando aquilo, conhecer um novo mundo com um homem pobre e muito sexy.

— Eu preparo bebidas, mas estou sem ingredientes. — Se desculpou, coçando a cabeça, meio constrangido. Acho que ele sentia vergonha de sua vida simples. Na sala tinha um sofá e uma TV em cima de uma pequena estante. Havia uns livros e revistas, apesar de tudo, era limpo e tinha um cheiro agradável.

— Acho que um vinho gelado não era o que eu esperava que me mostrasse. — Coloquei o copo na mesinha e me virei para ele, ao meu lado. Consegui arrancar o sorriso dele.

— Lola, Lola. Passei duas semanas louco de pedra para fazer isso. — Me puxou e nossas bocas se encontraram. Tony era grande, tinha pernas fortes e isso me deixou inflamada de tesão. Me ajeitou no seu colo, e enfiou suas mãos por baixo da minha blusa encontrando meu sutiã de renda. Eu não conseguia desgrudar dos lábios dele que me alucinava de uma forma viciante. Seu beijo era quente, molhado, muito gostoso.

Nunca a boca de homem fora tão deliciosa como aquela. Eu estava no ápice sentindo sua língua tragar meu folego, me deixando puramente molhada, escaldante entre as pernas.

Primeiro foi a vez de ele arrancar minha blusa. Levantei os braços para facilitar e as duas mãos dele deslizaram para meus seios. Vi loucura faminta nos olhos cinza daquele homem másculo, forte, que emanava um cheiro único, que eu não sentia nos outros caras. O cheiro

de Tony me deixava doida querendo lamber a pele dele. Sentir sua textura e sabor com minha língua.

Depois foi minha vez de puxar para cima a camiseta dele e revelar o corpo masculino mais gostoso que eu já tive o prazer de tocar. Já tinha saído com outros caras fortes, malhados, mas Tony tinha algo diferente. Não era só mais um homem forte. Seus músculos e curvas pareciam ser desenhados milimetricamente. Deixei sua boca deliciosa e sem esperar abaixei lambendo a região acima do peito.

Tony gemeu e seus dedos foram parar entrelaçados nos meus cabelos. Eu estava com sede dele e quanto mais mordia a pele bronzeada, mais ensopada lá embaixo, eu ficava.

— Preciso chupar seus seios, Lola. — Avisou já arrancando meu sutiã. E quando os viu, ele gemeu: — Oh, porra! São lindos! — E abocanhou. Agora meus dedos estavam nos cabelos dele. Tony me deu mais prazer com sua boca em meus seios do que outros homens no ato sexual.

Gemi, quando ele deslizou a língua quente e sensual em meu pescoço e logo em seguida, quando voltou para os seios, sugou com delicadeza cada mamilo intumescido. Minhas unhas se demoraram arrastando nas costas largas dele; o prazer que eu sentia me deixava cega de desejo.

Nossas roupas ficaram na sala, lá mesmo eu o vi pelado e era ainda mais bonito e másculo do que eu

imaginava. Suas coxas eram grossas e musculosas, seu pênis era grande, afinal ele todo era grande e eu não resisti: acabei com ele em minha mão enquanto Tony me abraçava, me beijando vorazmente.

Em sua cama eu fiquei por cima. Estar deitada sobre um homem grande daquele tamanho, com um corpo duro feito uma muralha, com seus músculos e calor ao redor de todo meu corpo, tudo isso me fez pensar que eu o queria sempre, não só hoje. Eu queria experimentar, repetir e tornar a repetir tudo o que Tony pudesse me dar.

— Quero entrar em você. Preciso fazer amor com você, Lola. — Rosnou colérico, junto a minha boca, com seu pênis muito duro entre minhas pernas. Eu inflei apaixonada pois apesar de ele ser rústico, selvagem e um delicioso exemplar masculino, ele estava me tratando com delicadeza e dizendo "fazer amor", ao invés do costumeiro "quero te comer".

— Sim, Tony. Faça depressa. — Implorei.

— Te darei muito mais depois, prometo. — Com a mão em minha nuca e sua boca ofegando contra minha, prometeu sabendo que não tínhamos aproveitado quase nada das preliminares. Após vestir o preservativo, eu o senti me afagar com uma pressão inicial e em seguida entrar macio e apertado. Mordi meu lábio, segurei no peito dele e desci degustando de cada centímetro dele que me tomava, que me esticava para recebê-lo na mais deliciosa sensação. Estava tão excitada que Tony bateu no

fundo e eu quase gozei. Tínhamos duas semanas de atração guardada e ter ele me preenchendo por inteiro, era puro delírio.

— Lola... — Chamou meu nome.

Me ergui e sentei sobre ele, o chamei também.

Quando o ritmo acelerou eu apenas me controlava, gemendo alto, saboreando suas investidas, que apunhalava todas as minhas células. Gozei desesperadamente sendo embalada para cima e para baixo abrigando-o em toda sua grossura erótica.

Ainda não tinha acabado e eu sorri quando ele se virou, ficou sobre mim, nos abraçamos sentindo o calor e suor do outro. Eu estava totalmente embasbacada em como ele era melhor de tudo que eu já tinha provado. Senti-lo sobre mim, podendo apalpar seus músculos, sentindo seu quadril ir e vir e sua boca sobre a minha, era o paraíso. Nosso próprio paraíso.

Tony não me "fodeu" no primeiro encontro, ele fez amor comigo tão deliciosamente, me fazendo experimentar cada instante que uma noite só seria pouco.

Depois, fomos de roupas intimas para a cozinha saciar a fome. Meu estomago roncava. Era uma cozinha simples, mas muito organizada. Vestindo a camisa de trabalho dele, me sentei a mesa e Tony esquentou na chapa no fogão, pão de ontem com queijo e serviu com vinho gelado. Foi muito melhor do que ter comido a mais requintada comida nos restaurantes chiques que os homens

costumavam me levar.

— Não vai querer me ver mais nunca, não é? — Ele indagou, brincalhão. — Olha o tipo da alimentação que te ofereço.

— Você tem maneiras de compensar qualquer falha.

— Prometo fazer algo melhor para comermos, da próxima vez.

— Como o que? Pedir uma pizza? — Debochei e ele acenou que sim.

— Leu meus pensamentos. O que pode ser melhor que uma pizza antes do sexo?

— Comer a pizza depois do sexo.

— Faz mais sentido. — Ele virou o copo de vinho na boca e quando eu terminei, ele se levantou me puxou me fazendo abraça-lo e assim me levou de volta para o quarto já me beijando. Eu estava maravilhada em como aquela nova experiencia, de estar com um homem tão intenso e tão simples como Tony.

Dessa vez aproveitamos tudo com mais calma, Tony me fez sentar sem sua boca e eu cheguei ao ápice em um estalar de dedos, com a língua e os lábios dele apreciando com volúpia cada dobra do meu sexo fumegante de excitação. Ele me chupou de uma maneira nova para mim, sem reservas, sem hesitar, me abocanhava como se estivesse com fome e ali fosse seu único alimento. E sua barba era um adicional a mais; eu não queria mais um homem sem barba. Na verdade, eu não queria mais outro

homem.

Mais fogo veio depois, quando eu tinha o membro ereto de Tony nas minhas mãos e eu o chupava com uma vontade que nunca tive antes. Eu esticava os lábios para comportar toda a grossura na minha boca e me satisfiz loucamente chupando da ponta redonda e latejante até embaixo nos testículos.

Tony era mais lindo ainda gozando. Mais lindo, másculo, era um espetáculo na cama.

Dormimos abraçados. Eu estava muito confortável nos braços grandes me enlaçando.

Na manhã seguinte, tomamos banho juntos e tornamos a transar no banheiro pequeno dele. Eu não estava em um banheiro de mármore com banheira de hidromassagem, mas Tony compensou qualquer falta de luxo.

E assim foi na outra noite, quando terminamos o expediente e eu o segui novamente para seu apartamento. E na noite seguinte de novo.

Transamos na sala dele.

Comemos pizza na cama.

Falamos sobre nossas vidas e nossos sonhos, pelados abraçados no escuro do quarto.

Passamos a não nos desgrudar mais. Daí em diante sim, a gente trepava e fodia, nos comíamos, e nos deliciávamos. No meu camarim, no banheiro do clube, no meu apartamento, em todos os cantos do apartamento dele. Quanto mais a intimidade nos abraçava, mais ficávamos

melhores no sexo e em estar juntos.

Um único ser, nós dois. Eu encontrei a outra parte de mim. A cada sorriso safado que ele me enviava, cada olhar de paixão, eu viajava feliz naquele homem.

Eu não tinha ninguém na vida, acabei encontrando minha sorte, meu grande e único amor: Tony.

Nem percebi, mas estava trocando minha fama e todo o dinheiro que qualquer homem rico poderia me dar, por essa paixão que me consumia.



Dominados

Eu não era mais a estrela cotada da noite. Os donos do estabelecimento começaram a reclamar pois

estavam perdendo clientes. Afinal, acabara a ousadia com Lola, a fabulosa dançarina que saía com quem abanava o maior leque de cédulas. Eu não permitia mais que os clientes sequer me tocassem durante o show, como sempre acontecia que eu passava de mesa em mesa atiçando-os. Agora, eu namorava e meu homem estava ali, sempre me observando, de longe.

— Lola, não precisa ter receio. — Ele me disse certa vez. — Não precisa ficar me olhando como se eu tivesse querendo te arrancar do palco. É seu trabalho, confio em você.

— Eu não confio nos clientes, Tony. E me sinto mal, não gosto de outros homens me tocando.

Ele sorriu e me beijou, me puxando para seus braços.

— Eu estou aqui, o dia que isso tudo aqui estiver insuportável para você, tomamos outro rumo. Estou a sua disposição.

— Não. Temos nossos planos. Precisamos juntar grana...

— Nosso bem-estar vem antes.

Naquela época, ele tinha desalugado o apartamento e estava morando comigo, dividíamos o aluguel para juntarmos economias.

— Sonho em conhecer o Havaí. — Eu disse certa vez, na cama com ele.

— E eu sonho em conhecer a Nova Zelândia. O que acha de criarmos uma rota de fuga e ir nos divertir? —

Rolou para cima de mim e eu o abracei.

— Acho maravilhoso. Mas e depois? Iremos viver de que?

— De amor. — Ele esfregou a barba em mim.

Assim, quanto mais o tempo passava, mais eu trabalhava e recebia menos, pois não tinha mais as gordas gorjetas. E assim, ele e eu passamos a ir das oito às quatro da manhã, quase todos os dias. Era cansativo, mas quem se importava? Éramos jovens e tínhamos um ao outro.

Quando chegávamos em casa, estávamos exaustos, a cama nos esperava. Entretanto, após um banho, tínhamos forças o bastante para nos amar e dormir abraçados. Nosso mundo perfeito.

Eu desci de famosa da classe alta, para a classe operária e nunca tinha me sentido tão feliz. Eu nem tive tempo de pensar se queria mudar de vida, eu apenas mudei, o amor que eu sentia por Tony me fez esquecer dinheiro, roupas de marcas saltos caríssimos. O amor dele alimentava meu corpo e minha alma.

Chegávamos mais cedo e ele ia preparar o bar. Eu corria até as garotas para saber as novidades. Outro ponto positivo é que agora, eu me igualando a elas, tínhamos mais intimidade e estávamos mais próximas. Era maravilhoso nos juntar e ir para o bar, ainda existia a noite das meninas, assim como Tony ia para a noite dos meninos. Tínhamos total confiança no outro.

— Estava confabulando com as maritacas? — Levei um susto quando Tony me abraçou por trás, no meu camarim. Eu estava só de salto e lingerie.

— Viviane quer que sejamos padrinhos do casamento dela. Topa? — Me curvei para frente do espelho e olhei meu penteado.

— Ah, Lola... não sei.

— Não quer? — Me virei surpresa para ele.

— Não estamos em condições de dar presentes caros.

— Não precisa, ela sabe nossa situação. Aqui todos estamos no mesmo barco. Nossa presença importa, você é amigo do Humberto.

— Uma garrafa térmica de café ou um faqueiro? — Tony opinou, rindo, voltando a me abraçar.

— Ela precisa de uma batedeira.

— Nem nós temos uma. — Contestou.

Sim. A minha quebrou e não vimos necessidade de comprar outra imediatamente. Eu colocava Tony para usar seus braços musculosos quando eu precisava bater alguma massa.

— Por que o bolo que a gente bate, não é na cozinha.

— É na cama. — Ele completou e gargalhou. — Está muito atrevida, minha bela.

— Eu tenho com quem aprender.

Nos beijamos e aí já era. Fechei a porta, coloquei uma toca nos cabelos para proteger o penteado e Tony

começou a se despir, tirando com cuidado sua camisa branca e seu colete preto.

A calça não foi totalmente tirada, ficou embolada nas suas coxas. Me sentei na penteadeira, ele ficou de pé entre minhas pernas e começou a bombar rápido e gostoso. Me tirando o fôlego com cada avançada e batida do quadril. Eu agarrada ao corpo dele, beijando-o e gemendo, o delirante início do orgasmo me tomando por completo. A cada inda e vinda de sua ereção esticada e grossa, abrigando-se no meu interior e indo bater firme bem no fundo, me fazendo ver estrelas. Era ainda mais gostoso sem camisinha, afinal já tínhamos abolido desde nosso terceiro mês juntos.

Eu adorava demais fazer amor com ele. Toca-lo em todos os lugares, era uma troca de prazer e amor. Foram dois anos que vivemos e ele me mostrando em que era melhor do que os outros. Em me amar, me fazer sentir a mulher mais linda e se doar por inteiro naquela relação.

Claro que tínhamos nossas brigas. Mas eram brigas bobas, por ele deixar meias no chão do quarto, ou por molhar o banheiro todo quando ia tomar banho ou discutíamos por futebol. Tony acabava revertendo a situação, com seu carisma e seu humor, e de brava eu acabava sorrindo para ele. E isso me deixava mais irritada pois eu queria ficar brava mas ele não deixava.

Nossa felicidade durou exatos dois anos. Nos casaríamos na próxima primavera e viajaríamos, não para

o Havaí ou Nova Zelândia, pois não cabia no nosso orçamento. Já tínhamos escolhido alguns lugares do Brasil. Escolhemos nosso próprio apartamento e futuramente, quem sabe, poderíamos dar vida a uma pequena família com um bebê. Tony disse que queria um menino e uma menina. E era incrível pois eu também queria um menino e uma menina.



Adeus ano velho

Aquele ano findava. E na última noite do ano, o Champignon promoveu uma festa de réveillon. As meninas e eu nos apresentaríamos meia-noite em ponto. Todos estavam de branco: funcionários e clientes. Era uma festa luxuosa, com direito a gente famosa. Só entrou quem pagou bem adiantado. Da sacada, podia ver perfeitamente a queima de fogos, era um lugar privilegiado.

Tony e eu estávamos felizes, fomos trabalhar como em qualquer noite e depois... Férias!

Subi no palco e antes de começar, mandei um beijo para ele, soprado por entre os dedos, como eu sempre fazia. E foi então que tudo veio abaixo naquela noite.

Ricardo entrou escoltado.

Um empresário que estava no auge da fama. Popular entre a massa, fazia sucesso entre as mulheres. Todos queriam ser amigos de Rick ou pelo menos ter a oportunidade de puxar o saco dele. Diziam por aí que era chefe da bandidagem e era blindado, tinha contatos entre as autoridades.

Eu apenas continuei meu show; vez ou outra olhando para o bar, pois apenas Tony tinha minha atenção; do palco eu o olhava como se fosse a primeira vez.

Os olhos de Ricardo em mim.

Minha apresentação foi a última antes da meia-noite e quando terminei e desci do palco, o sedutor empresário veio falar comigo.

— Boa noite, senhorita.

Naquela noite, não fomos para os camarins, ficamos ali no salão para esperar a hora de fazer mais um show. Justo naquela noite, não fui para o camarim.

Sorrindo, me virei para ele. Ricardo era um homem bonito e conservado para sua idade. Creio que uns quarenta e cinco ou cinquenta anos.

— Boa noite.

— Adorei o seu show. — Elogiou.

— Muito obrigada. — O agradeci, sinceramente.

— Sou Ricardo. Já nos vimos antes, mas nunca tive o prazer de ficar tão próximo. — Estendeu sua mão para mim.

— É um prazer, Ricardo. Sou Paola.

— A famosa Lola. — Abriu os dentes em um sorriso que certamente fazia as mulheres derreter. Levou minha mão até seus lábios, beijou e não a soltou. Um desconfortou cresceu em mim.

— Sim. Não tão famosa, mas eu sou, Lola. — Olhei para a sua mão e lá estava um anel com um belo diamante e no dedo anelar uma aliança. Que tipo de homem não passava o réveillon com a família?

— Anjo, gostaria de sentar-se comigo e beber alguma coisa?

— Ah... não, obrigada. Estou em horário de serviço.

Os olhos dele se estreitaram; ainda segurava minha mão.

— Mas vejo suas colegas entretendo os clientes,

vocês não são pagas para isso?

— Sim, mas eu não faço mais companhias, senhor. Posso te apresentar a Bernadete — apontei para minha amiga que dançava sozinha em um poste de pole dance no palco.

— Não. Quero a sua companhia. Hoje é uma bela noite e te escolhi para ficar comigo. Venha. — Me puxou e eu freei imediatamente.

— Senhor, solte minha mão por favor. Eu não quero.

— Por que não quer? Olhe para mim, gata. Qualquer uma morreria para estar comigo uma noite. — Senti cheiro de álcool com charuto em seu hálito e meu estomago embrulhou.

— Eu sou comprometida, já tenho alguém por quem eu morreria.

— Fique tranquila, não contarei para ele. — Deu uma risadinha, me puxou para ele e me abraçou. — Sem falar que minha esposa e meus filhos foram passar o réveillon em outra cidade, teremos minha casa só para a gente. — Fiquei rígida e sua mão desceu para as minhas costas indo estacionar na minha bunda. Tentei me afastar empurrando seu peito, mas o homem estava determinado. Então, ele desceu os lábios e começou a beijar meu pescoço, suas mãos estavam em meu corpo e eu me senti enojada. Me balancei desesperada para fugir pedindo por favor para ele me soltar.

Pelo canto dos olhos, para meu pavor, encontrei os

olhos de Tony, chocado com a cena. Temendo o pior, forcei mais para me libertar, inevitável.

— Quieta, vagabunda. — Rick rosnou, puxou meus cabelos por trás e tentou me beijar. Tony deslizou para fora do bar. Veio rápido em nossa direção.

— Ei, solte a garota. — Meu Tony gritou. Ricardo o olhou com pouco caso e só me soltou depois de ser empurrado pelo meu noivo. Com o empurrão tropecei nos meus saltos indo parar contra uma mesa. Quando me recompus, vi o soco que Tony levou e imediatamente se recompôs, devolvendo um maior. Em segundos a briga estava feita. Os homens rolavam pelo chão e o salão alvoroçou. Teve gritos e cadeiras quebradas, então houve um estampido na confusão, um tiro e tudo parou. Eu pulei no meio para separar. Havia sangue no meu vestido branco, na roupa de Ricardo e na de Tony.

Fora um único tiro.

Quem tinha atirado em quem?



Insanidade

Eu mal podia esperar para em encontrar com Tony, o dia que fiquei livre daquela prisão de loucos.

Tinha cansado de sentir o peso do mundo em meu peito, trancafiada ali.

A minha casa estava no mesmo lugar, mas estava bem diferente. As enfermeiras me deixaram lá, disseram que viriam duas vezes por semana me visitar. Tinha poeira em tudo e os móveis estavam cobertos com lençóis. Nada parecia como antes.

— Tony! — Chamei, parada ali na sala. — Estou de volta, querido. — Não obtive resposta. Ele poderia estar no *Champignon*. Me animei.

Lá estava meu vestido de noite, Lola de volta aos palcos. Com os cabelos bem penteados e maquiada, eu fui para a noite de Copacabana.

A boate estava mais diferente ainda. Tinha sofrido uma grande reforma e o palco sumira, isso me assustou inicialmente. Não era mais o clube de luxo feitos para as estrelas, como ela, se apresentar para homens ricos. Agora, parecia uma boate para jovens. Me sentei em uma mesa no canto e pedi um Martini.

— Você deve chegar a qualquer momento para me buscar, meu amor. — Confortei a mim mesma. — Estou ansiosa.

Mas não aconteceu.

Então fui para a casa e na noite seguinte voltei e esperei por Tony. Ele se atrasou e não veio me buscar.

Voltei na noite seguinte e sentei na mesma mesa. Tony prometera que viajaríamos juntos.

— Quem é ela? — Do outro lado, um garçom novato indagou ao chefe da segurança. Eu podia ouvir a conversa.

— Dona Lola. É protegida dos donos desse lugar. Vem todas as noites aqui, senta-se naquela mesma mesa, bebe apenas Martini e depois precisa de ajuda para ir embora, pois acaba ficando tonta.

— Que coisa. Não tem família?

— As meninas daqui cuidam dela. Também tem as enfermeiras. Vinte anos atrás aconteceu uma tragédia nesse salão. Lola perdeu sua juventude e seu grande amor, e agora parece ter perdido a sanidade.

— Porra, que triste.

— Pois é. Foi julgada, mas foi presa numa clínica. Cometeu um assassinato.

— Sério? Poxa...

Tudo estava voltando para mim novamente. Com lágrimas nos olhos eu acordei para a realidade. Estava ali na minha frente, eu só não queria enxergar. Todos esses anos minhas lembranças iam apenas até o momento em que o tiro foi ouvido. Depois era apenas um borrão. Mas agora, estatelada naquela mesa, eu vi tudo acontecer como um filme.



As lembranças

Todas as lembranças que eu julgava perdidas...

— Tudo que fiz, foi por você Tony. Não pode me deixar aqui. — Murmurei sofregamente. *— Venha me buscar.*

Abaixei minha cabeça contra a mesa e tudo veio na minha mente com o barulho do tiro.

Naquela noite, tudo silenciou. Depois houve apenas grito. Um grito muito alto, de puro desespero. Era eu quem berrava loucamente caída no chão abraçando Tony que estava desfalecendo.

Eu podia ouvir o pessoal gritar para chamar a emergência. Vi nos olhos dele que o brilho estava se apagando.

— Tony, meu amor. Olhe para mim. Fique comigo. — Apalpei seu rosto, minhas mãos tinham o sangue dele. — Tony, pelo amor de Deus, fique comigo.

— Lola... — balbuciou. Seus olhos vidrados me encaravam. — Minha Lola...

— Por favor, alguém ajuda. — Eu implorava o mais alto que podia. A música tinha parado e o único som era meu choro.

— Deixe essa cidade, Lola. — Tony gaguejou. — Não... fique...

— Não. Não fale. Vamos embora juntos, como tínhamos planejado. — O abracei mais apartado. — Me prometa, Tony. Não me deixe sozinha. Eu fui solitária a vida toda, você é tudo que eu tenho.

Tentou dar um sorriso charmoso, como sempre fazia, mas falhou. Estava ficando pálido.

— Sopre-me um beijo, Lola. — Ele pediu tentando acariciar meu rosto. Curvei para beija-lo e senti quando se foi. Eu apenas gritava desesperada com seu rosto em meu peito.

Perdi minha vida ali, junto com você, Tony.

Depois, veio apenas a reclusão. Me fechei em mim mesma, ciente que você iria vir me buscar. Esperei cada minuto de cada dia. Apaguei aquele momento das minhas lembranças e era como se você tivesse apenas ido viajar mas voltaria.

Juntei forças e fiz o que tinha que fazer para nos libertar, para ter um pequeno alívio. Eu tinha que dar a Ricardo o mesmo destino. Agora tenho a resposta do que houve com ele. Eu sempre me perguntava isso enquanto estava lá, na clínica. Só não relembrava.

Ainda me lembro como subi aqueles degraus. Fico impressionada na força e frieza que tive ao me arrumar toda e agir como se nada tivesse acontecido. Minha sorte é que a empresa dele não tinha toda segurança necessária. Eu cheguei lá e nem fui revistada, anunciei que queria falar com ele, era uma das candidatas a vaga de secretária. Ele ter aberto aquelas vagas foi a melhor coisa e veio daí a ideia, já que Ricardo tinha saído impune do que fizera. Alegara legítima defesa.

Ainda me lembro de ter entrado naquela sala tão

perfeita. Havia fotos de sua família, ele levantou aterrorizado quando me viu entrar. Quando a jovem que me guiou virou-se e saiu, eu tranquei a porta.

Tony, você não pode imaginar a cara que o maldito fez quando me viu. Levantou-se e antes de fazer qualquer movimento, tinha uma arma apontada para sua cara. Comprei a melhor, da mesma que ele te feriu. Usei o dinheiro da nossa viagem, se você não se importa.

— Lola, abaixe essa arma. Eu posso te dar quanto dinheiro quiser, posso te colocar em um avião para fora do país. Você será rica e longe daqui, como seu namorado queria. — Tentou me ludibriar.

— Calado! — Gritei. — Não ouse falar dele.

— Eu juro, foi acidental. Eu não queria ter feito aquilo. Me culpo todos os dias.

— Foi? Conheço sua fama. Eu sei para quantos você já puxou o gatilho impiedosamente. Agora chegou a sua vez.

— Eu tenho filhos, tenho família. Por favor, pense neles.

Com uma frieza que me consumia, eu disse o mais seca possível:

— Porcos não tem família. Seus filhos devem viver envergonhados de você.

— Você será condenada. Será presa e pegará uns trinta anos.

— Não se eu estiver louca. — Dei um sorriso

vitorioso. Andei até ele. — Me faça uma proposta melhor, Rick. Talvez eu pense com cuidado. — Eu o enganei e ele se empolgou. Eu estava apenas jogando, para poder me aproximar.

— Claro. Dou o que você quiser.

Eu abaixei a arma e me aproximei mais, estava bem perto. Ele poderia ter me desarmado, mas como eu já tinha abaixado, Ricardo se acalmou.

— Vou fazer umas ligações.

Passei o cano do revólver na coxa dele, em um ponto específico perto da virilha. Ricardo sorriu achando que eu estava provocando.

— Você tirou minha vida. Agora, eu tiro a sua. — Atirei em sua perna e ele caiu. Saboreei sua dor, aquele era meu momento. Joguei a arma na bolsa e fiquei parada vendo ele gritar por socorro segurando sua perna ensopada de sangue. Olhou para mim e deu um sorriso de vitória.

— Vadia maldita. Vai apodrecer atrás das grades. Não sabe nem atirar. Mas eu sei muito bem, atirei certeiro no peito daquele filho da puta, seu namoradinho.

Eu não me abalei, disse calmamente:

— Fiz algumas pesquisas antes de vir aqui. Atirei exatamente onde eu queria. Não sei se na sua palpável ignorância já ouviu falar da veia safena magma. O socorro não chegará a tempo. — Dei o veredicto e me

deliciei com os olhos arregalados de medo.

— Quero que você saiba que vai morrer. — Me abaixei chegando bem perto do rosto dele — Quero olhar para seus olhos enquanto estiver perdendo a vida. Quero que sofra o mesmo que Tony sofreu; ou pior, pois ele viu amor antes de fechar os olhos, já você verá ódio e por fim, as trevas.

Batidas na porta denunciavam que os seguranças chegaram. Me deixei ser imobilizada quando abriram a porta e propositalmente, comecei a dizer coisas desconexas, para concluir meu plano de loucura. Voltei minha atenção para Ricardo que estava amolecido numa poça de sangue.

— Vagabunda. — Murmurou.

— Devia guardar suas últimas palavras para pedir perdão a Deus! — Retruquei, sendo arrastada para fora.

Eu queria vê-lo morrer, mas não deixaram. Tinha quase certeza que morreu, mas fiquei sem saber, logo fui sedada e acordei já presa, na clínica. Bernadete fora minha cúmplice e ajudara a comprovar que eu tinha ficado louca depois da morte de Tony. Dei dinheiro a ela e Bete foi embora do Rio, depois de depor "contra" mim.

Minha missão tinha acabado, Tony. Eu estava livre para me enclausurar e trancar dentro da minha mente as mais dolorosas lembranças, como fiz todos esses anos.

Agora posso partir com você, assim que chegar para me buscar. Toda a verdade veio à tona, eu deixei vir pois

é meu momento de partir.

— Lola. — Ouço sua voz. Ergo a cabeça da mesa, estou no antigo Champignon e você está aqui. Sorrindo, contemplo sua beleza. Vestindo branco como na noite de réveillon.

— Chegou o momento meu amor. Vamos?

— Ah, Tony. — Me levantei e o abracei forte. Senti novamente seu perfume, seus braços fortes, seu calor. — Meu amor! Te esperei por tanto tempo.

— Estou aqui, como prometi, para irmos embora juntos desse lugar. — Ele limpou minhas lágrimas.

— Sim. Mal posso esperar. — Recebi o beijo que ele me deu, eu chorava de felicidade. Estava tão plena e encantada. Tony não tinha mudado nada. Seu corte de cabelo, sua barba bem feita, seu sorriso charmoso que me fazia enlouquecer. Segurou forte na minha mão, andamos para a porta e saímos do Champignon juntos, saímos de Copacabana juntos.



O encontro

O segurança, como sempre fazia nos últimos anos, foi até a mesa de Lola e tocou nela.

— Dona Lola. — Chamou. Não houve resposta. Sacudiu-a novamente. — Dona Lola, o táxi está aí para leva-la. — Sem resposta. Depois de várias tentativas, ele verificou e soprou em desalento.

Lola não estava mais lá. Não havia mais vida.

Depois foi constatado que ela faleceu sem causa aparente. A morte apenas chegou para a exuberante Lola. Ali, no Champignon, em Copacabana, como também chegara para Tony. Ela foi enterrada no mesmo túmulo que seu amado e no epitáfio deles tinha:

Um amor inesquecível. Enfim, juntos.
Aqui jaz
Antônio Gusmão Rocha, o Tony
&
Paola Talita Fonseca,
Eternamente, Lola.

Agora eles partiam juntos para a eternidade.

Saindo de Copacabana, o lugar mais quente. Onde música e paixão estavam sempre na moda; onde eles se apaixonaram e onde tudo acabou...



O outro lado da história

FINAL ALTERNATIVO

Dormi após meu devaneio no quarto com paredes acolchoadas. Fui acordada mais tarde quando alguém abriu a porta. Dois médicos entraram juntos com duas enfermeiras. Eu estava livre, iria para casa naquele dia, se encontraria com Tony. Mal podia esperar.

Tinha cansado de sentir o peso do mundo em seu peito, trancafiada ali.

Respirei fundo sentindo o ar do fim do dia. Estava livre na rua. Tive sorte ao conseguir um bom advogado e com a ajuda de um médico que eu conhecia, fora comprovada minha suposta insanidade. Apenas cinco anos na clínica como punição pelo assassinato.

Do outro lado da rua, recostado em um belo carro, vestindo uma jaqueta preta e de óculos escuros tipo aviador, Tony me esperava. Corri eufórica até ele e caí em seus braços.

— Você veio. — Murmurei com o rosto espremido no peito dele.

— Te esperei cada segundo. — Ele me deu vários beijos em meus cabelos e rosto — Agora vamos dar o fora dessa cidade, para sempre.

— Sim, vamos. — Dei dois pulinhos de felicidade. Olhei além do ombro dele e o carro era mesmo lindo, como ele tinha me falado na última visita. Eu tinha direito a apenas duas visitas por mês. Tony batalhou até hoje, para me dar liberdade.

— O carro é lindo.

— É a nossa cara.

Ele abriu a porta, eu entrei e em pouco tempo estávamos cortando o estado indo em direção a algum lugar que o destino nos levasse. Éramos jovens e tínhamos um ao outro, o que mais poderíamos querer?

Cinco anos atrás, no réveillon, eu cometi um assassinato que foi considerado legítima defesa. Meus colegas na boate testemunharam a meu favor e a justiça não se empenhou muito diante da longa lista criminal de Ricardo, ele sempre se safava. Mas não naquela noite quando o vi arrebentar o rosto de Tony. Eu estava em pânico, sem saber o que fazer. No calor do momento, vi a arma na cintura de um segurança, tomei-a e antes que me pegasse, atirei uma única vez.

Ricardo morreu na hora. Eu corri e abracei Tony.

O lugar estava silencioso. Eu ouvia apenas nossa respiração. Ricardo do lado caído, Tony ofegando em meus braços.

Eu recebi dez anos de reclusão em uma penitenciária feminina, mas meu advogado conseguiu me transferir para uma clínica de reabilitação, onde passei os últimos cinco anos.

— É divertido estar num motel de beira de estrada. — Tony disse, na cama comigo. Estávamos enrolados, suados, pelados. Acabamos de nos amar uma terceira vez.

— É divertido estar em qualquer lugar com você, Tony.

Ele segurou meu rosto em suas mãos e ficou me olhando um bom tempo.

— O que foi?

— Estou analisando meu grau de sorte. Não tenho nada na vida, mas tenho tudo que importa. Você, Lola.

Me beijou fazendo uma tranquilidade sem tamanho tomar meu peito. O nosso amor bastava para nos manter de pé. Foi o que manteve ele me esperando e o que me manteve sã naquela clínica.

Saímos juntos de Copacabana, o lugar mais quente. Onde música e paixão estavam sempre na moda; onde Tony e eu nos apaixonamos. E agora, tudo acabou...

... de recomeçar.

FIM

Feliz dia dos namorados!

Este conto é uma obra fictícia e foi baseado na música Copacabana do cantor Barry Manilow.

MÚSICA

COPACABANA – BARRY MANILOW

(Tradução)

O nome dela era Lola, ela era uma dançarina
com penas amarelas no cabelo e um vestido cortado naquela altura.
Ela dançava o merengue e o cha-cha,
e, enquanto ela tentava ser uma estrela, Tony sempre cuidava do bar.
De um lado e de outro da pista lotada, eles trabalhavam das 8h às 4h.
Eles eram jovens e tinham um ao outro;
quem poderia querer mais do que isso?

***

No Copa, Copacabana,
o ponto mais quente do norte de Havana.
No Copa, Copacabana,
música e paixão estavam sempre na moda,
no Copa... eles se apaixonaram.

***

O nome dele era Rico, ele usava um diamante.

Ele estava encostado em sua cadeira, ele viu Lola dançando lá.
E quando ela terminou, ele a chamou pra perto dele, mas Rico foi um pouco longe demais e Tony deslizou pelo bar.
E então socos voaram e cadeiras foram quebradas em duas.
Houve sangue e apenas um tiro,
mas quem atirou em quem?

***

No Copa, Copacabana,
o ponto mais quente do norte de Havana.
No Copa, Copacabana,
música e paixão estavam sempre na moda,
em Copa... ela perdeu seu amor.

***

O nome dela é Lola, ela era uma dançarina,
mas isso foi anos atrás quando eles costumavam ter apresentações.
Agora é uma discoteca, mas não para Lola.
Ainda no vestido que costumava usar, penas desbotadas no cabelo,
ela senta lá tão refinada, e bebe sozinha até ficar com a visão distorcida.

Ela perdeu sua juventude e perdeu seu Tony;
agora ela perdeu sua mente!



Outras obras da autora



Deliciosa Obsessão

À VENDA DO FORMATO E-BOOK

AMAZON

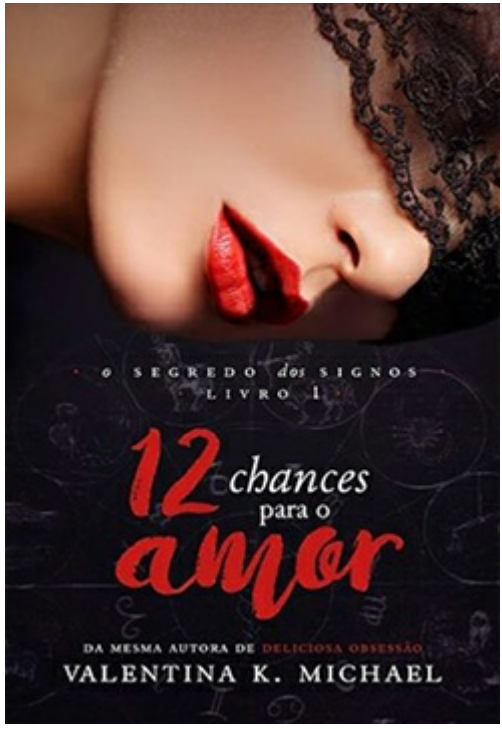
À VENDA NO FORMATO IMPRESSO

ENTRE EM CONTATO PARA SOLICITAR O SEU EXEPLAR:

valentinakmichael@gmail.com

SINOPSE

Nenhuma mulher esperta se aproxima demais de Enzo, Davi e Max os três executivos mais elegantes, sensuais e desejados da cidade. Entretanto, a jovem Maria Luiza escolheu o mais cretino e indecente de todos: Enzo Brant Marques. Quando Enzo a humilhou, ele nunca imaginaria uma revanche do destino. Após seis anos, Malu volta e ele amaldiçoa todo seu desejo e obsessão por ela. Porém, o que ela mais deseja é ignorá-lo em um plano de vingança. Enzo é determinado e obcecado e, junto com os amigos, arquiteta um plano simétrico e infalível para tentar encurralar Malu e dominá-la em uma cama. A pergunta é: qual dos dois conseguirá sair ileso desse apaixonante jogo?



12 Chances para o amor

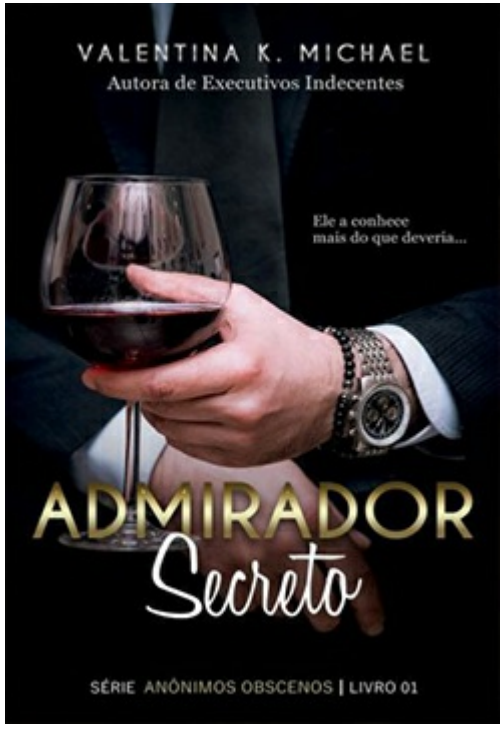
O SEGREDO DOS SIGNOS

À VENDA DO FORMATO E-BOOK:

AMAZON

SINOPSE

Elena é uma jovem brasileira que cresceu cercada de excessiva proteção do pai e dos irmãos. Buscando independência própria e querendo encontrar um namorado para lhe acompanhar no casamento do irmão, ela vai passar uma temporada em Nova Iorque e em um momento de loucura, aceita a ideia da amiga e decide procurar o amor experimentando um homem para cada signo do zodíaco. Os encontros acontecem às claras, em um almoço; e as escuras, em um lugar apropriado, onde pode ocorrer sexo; ambos usando máscaras. Em meio a isso tudo, Elena tem que conviver com o amigo de infância, Joaquim Mafra, por quem ela tinha um amor platônico e agora o reencontrou. Joaquim, dono da rede de pubs Mafra, é um homem controlador e obsessivo, e ele está mais do que determinado a fazer todas as 12 chances de Elena, fracassar.



Admirador Secreto

ANÔNIMOS OBSCENOS - LIVRO 1

À VENDA DO FORMATO E-BOOK:

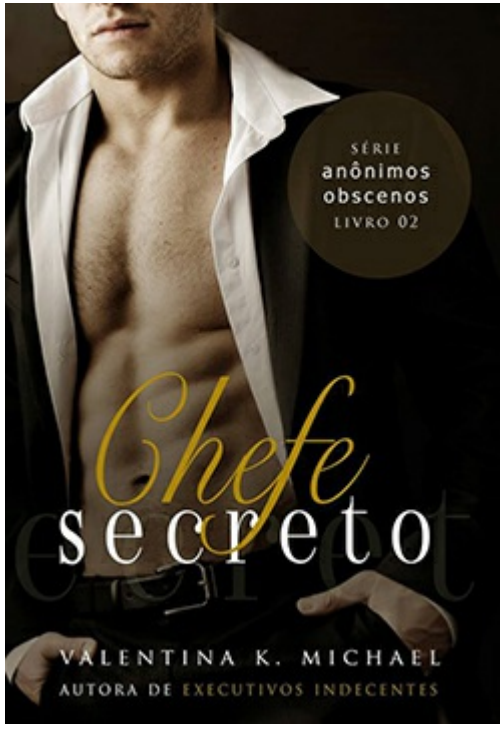
AMAZON

SINOPSE

Olivia não sabia nada sobre ele... mas sabia que ele era atrevido, obsceno e a queria.

Olivia não reconhecia aquela estranha sensação dentro dela... mas de certa forma achava excitante o cerco se fechando ao seu redor, a pressão que o estranho estava fazendo.

A jovem esposa tradicional e conservadora nem sonha o que está preste a conhecer... E ele, já a conhece mais do que deveria.



Chefe Secreto

ANÔNIMOS OBSCENOS - LIVRO 2

À VENDA DO FORMATO E-BOOK:

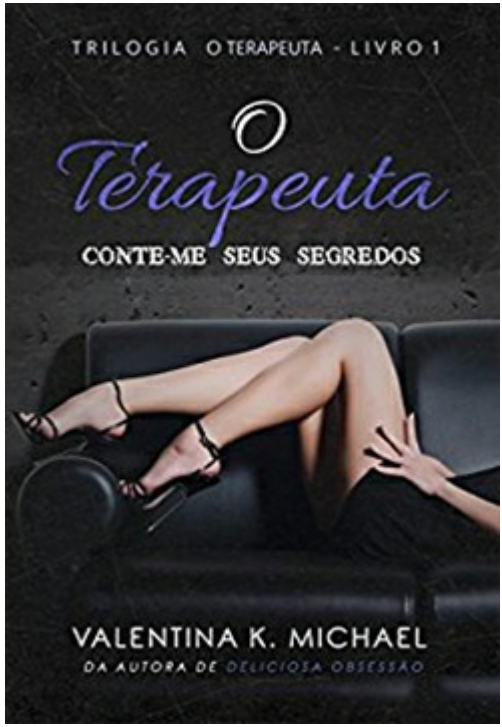
AMAZON

SINOPSE

A Orfeu impera no Brasil como empresa de aquisições e investimentos. É dirigida de forma impar por três irmãos de origem espanhola; têm personalidades distintas, mas iguais em dois pontos: são obstinados e amam intensamente.

Angelina tentou até o último momento segurar a empresa da sua família. Mas após uma crise irreparável, ela vê tudo se ruir aos seus pés. A empresa agora pertence a um novo dono. Alguém que exige, em contrato, que ela continue sendo diretora. Alguém que ela não sabe quem é. Um chefe anônimo que a faz seguir ordens bizarras.

Angelina sabe que está numa enrascada e o pior é que ela não sabe nem o nome de quem está provocando tudo isso.



O terapeuta – Conte-me seus segredos

TRILOGIA *O TERAPEUTA* - LIVRO 1

À VENDA DO FORMATO E-BOOK:

AMAZON

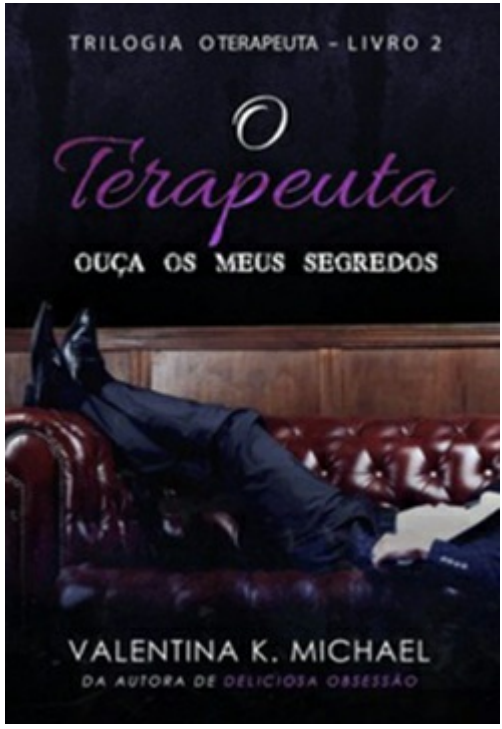
SINOPSE

Com um histórico indecente, uma lista de espera de seis meses no consultório, e um código de barras na virilha, o Terapeuta sexual Sawyer Graham vive no mundo do glamour e da luxuria de Manhattan. Conhecido como o Divo do Divã entre as celebridades, paira como um Deus do sexo; intocável e carnal.

Marianne Cooper, a designer de interiores, cai do nada no lugar errado e na hora errada. Os olhos do pervertido terapeuta caíram sobre ela.

Marianne tem problema no relacionamento com o namorado, mas nunca esperaria que deitar em um divã seria sua salvação.

E Graham, preferiu não contar ainda, que felizmente ela não deitaria sozinha no divã.



O terapeuta – Ouça meus segredos

TRILOGIA *O TERAPEUTA*, LIVRO II

À VENDA DO FORMATO E-BOOK:

AMAZON

SINOPSE

Depois de ter descoberto que fora enganada por tanta gente próxima incluindo sua mais nova paixão, o terapeuta; Marianne decide passar um tempo longe de tudo e todos, em um cruzeiro nas Bahamas. Sawyer, está rendido a enorme atração que sente por sua ex-paciente e vai atrás de Marianne. Mas ele sabe que tem muito ainda a vencer para ter ela por completo em sua vida. Mary é diferente de todas as mulheres que já passou por sua vida e consultório. Ele sabe que, assim que a trouxer de volta, terá que enfrentar os empecilhos e confrontar seu passado pervertido, mas por enquanto, ele vai jogar para não deixar sua amada saber de suas escolhas passadas.

É hora do terapeuta se deitar no divã e contar todos os seus segredos.



Contato

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

Twitter | **Facebook** | **Instagram** | **Wattpad**

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.